

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 12 - Corpo, Gênero e Sexualidade

“Por que a lesbianidade é tão solitária?” Um estudo etnográfico do TikTok como
espaço de pertencimento entre jovens lésbicas

Kamilla Schreiber¹

Lara Roberta Rodrigues Facioli²

INTRODUÇÃO

De acordo com Grazielle Tagliamento, Dayana Brunetto e Raquel Mesquita Almeida (2022, p.40), no Relatório Descritivo da 1ª Etapa do Lesbocenso Nacional (2022), mais de 34% das respondentes apontam que a família apoia parcialmente sua orientação sexual, 8,76% a família não tem conhecimento, 6,58% não apoia e 4,33% reprovam completamente. Além disso, mais de 39% apontaram que é assumida para amigos e amigas - os quais compõem também a rede de apoio de mais de 43% das participantes - e das respondentes 2,77% não possui rede de apoio (Tagliamento, Brunetto e Almeida, 2022, p.40).

A partir desse recorte, podemos inferir que para as mulheres lésbicas brasileiras a família nem sempre se constitui como o laço principal na busca por proteção e reconhecimento, tendo as amigas grande papel na formação de redes de apoio. Esse dado, nos apresenta rastros de como a lesbofobia no ambiente familiar e em outros espaços pode contribuir para que lésbicas sejam marginalizadas e encontrem dificuldade na criação de vínculos que proporcionem segurança e que reconheçam a sua orientação sexual.

¹ Graduada em Comunicação Institucional (UFPR), graduanda em Ciências Sociais (UFPR), kamillaschreiber@ufpr.br.

² Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Professora Adjunta do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), larafacioli@ufpr.br.

Com os dados apresentados anteriormente, questiona-se: de que modo a ausência de rede de apoio - assim como a ausência de laços com outras lésbicas - pode impactar o reconhecimento, expressão e formação da identidade lésbica e, assim, provocar sentimentos de solidão e exclusão? O ambiente virtual, especificamente a plataforma *TikTok*, pode proporcionar pistas sobre como as redes de sociabilidades lésbicas estão dispostas. Para isso, é preciso entender como o vínculo e as relações sociais são formuladas na Internet e fora dela.

O *TikTok*, assim como outras redes sociais, pode contribuir para uma aproximação de assuntos, culturas e modos de existência antes desconhecidos. De acordo com o relatório de tendências *What's Next* (2025) realizado pela própria plataforma, “81% dos usuários da plataforma social/de vídeo dizem que o *TikTok* os ajuda a descobrir novos tópicos e tendências dos quais não sabiam que gostavam” (*What's Next*, 2025, p.17). Além disso, os vídeos circulados no *TikTok* podem ter “um papel importante para mulheres descobrindo sua sexualidade, que conseguem se enxergar ali como pertencentes a determinado grupo (Ziller et al., 2021, p.944).

Dessa forma, tendo como ponto de partida a solidão, a pesquisa tem como objetivo analisar, por meio de etnografia digital, a atuação da rede social *TikTok* na criação de vínculos e pertencimento entre jovens lésbicas no Brasil. Para isso, busca-se identificar fatores socioeconômicos que compõem as experiências online das mulheres lésbicas, compreender relações familiares, de amizade, de trabalho e lazer que podem ou não projetar os sujeitos da pesquisa para a constituição de redes online, analisar como se organizam as interações entre mulheres lésbicas no ambiente digital e fora dele e mapear categorias, discursos, imagens compartilhados por elas nas redes sociais.

IDENTIDADE, RELAÇÕES SOCIAIS E SOLIDÃO

As teorias sociais apontam para o papel essencial das interações na criação de vínculos, pertencimento e formação das subjetividades e das identidades. É somente a partir do Outro que nos reconhecemos no mundo - com nossas diferenças ou similaridades.

Avtar Brah (2006, p.371) afirma que as identidades são formadas a partir de experiências culturais produzidas nas relações sociais. Dessa forma,

a subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é experimentada como identidade. As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a

identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança. (Brah, 2006, p.371)

Para Nadya Araujo Guimarães, Serge Paugam e Ian Prates (2020, p.266), compreender as diversas formas de vinculação entre os indivíduos e as instituições sociais abre caminho para entender como “se expressam importantes diversidades que especificam as sociedades no mundo contemporâneo”. Dessa forma, os diferentes tipos de laços nos dão rastros de como os atores sociais estão buscando proteção e reconhecimento ao longo de suas trajetórias de vida.

Com a globalização, tanto as identidades como as relações sociais que as constroem são transformadas. De acordo com Stuart Hall (2005, p.75), o mercado global, assim como a mídia e os meios de comunicação, desenvolveu uma desvinculação das identidades de tempos e tradições específicos, ou seja, há a formação de uma homogeneização cultural. As identidades, são dessa forma, construídas a partir das tensões entre o “global” e o “local”, que foram intensificadas no processo de globalização (Hall, 2005, p.76).

Dessa forma, ao analisar a formação identitária de grupos minoritários, entende-se que para além da individualidade exacerbada motivada pela fragmentação no contexto de globalização, outros recortes influenciam a forma de relacionar-se com o espaço em que se inserem. Raça, classe, gênero e sexualidade constroem formas de existir específicas, muitas vezes limitadas pelas normas sociais. Assim, a criação de laços sociais pode ser dificultada pelo preconceito e pela exclusão, produzindo sentimentos de solidão.

De acordo com José Machado Pais (2016, p.13), a solidão pode ser caracterizada como a necessidade de presença do outro causada pela falta ou quebra de laço, produzindo isolamento. Portanto, a solidão quando investigada sociologicamente, pode localizar desigualdades e contribuir para a compreensão dos mecanismos sociais que a mobilizam. O conceito de solidão, entretanto, não é homogêneo e muda conforme as experiências de cada sujeito. Pais (2016, p.8), aponta que apesar da solidão se manifestar de forma individual, ela se reveste de marcas sociais e, por isso, é “simultaneamente causa, efeito e mecanismo produtor dela mesma” (Pais, 2016, p.9).

REDES SOCIAIS E LESBIANIDADES NO *TIKTOK*

O surgimento da Internet alterou profundamente as relações sociais, principalmente com a criação de plataformas que propiciam a interação entre indivíduos. Além disso, a criação de laços dispersos geograficamente, ou seja, mantidos à distância, tornaram-se possíveis e

de fácil acesso. Lara Facioli e Felipe Padilha (2018, p.380) apontam que as mídias “permitem agenciar regimes de visibilidade, trocas de experiências e contatos que extrapolam o contexto de moradia, expandindo a circulação de repertórios culturais e informações”.

Ademais, quando falamos de online e offline, surgem tensões que se mostram contraditórias. Carolina Parreiras (2008, p.23) ao investigar uma comunidade de homossexuais no Orkut, identifica que os usos da internet podem ser variados, desde a formação de relações e parcerias, até para “revelar segredos e comportamentos de outro modo inconfessáveis” (Parreiras, 2008, p.23). Dessa forma, as redes sociais tornam-se também espaços de contradição que tornam possível a exposição de identidades e opiniões que não seriam manifestadas fora delas.

De acordo com Raquel Recuero (2009, p.94), as redes sociais na Internet podem ser classificadas em redes emergentes e redes de filiação ou associação. As redes sociais do tipo emergente se expressam por meio de interações entre os atores sociais por meio da conversação com o intuito de “fazer amigos e dividir suporte social, confiança e reciprocidade” (Recuero, 2009, p.94). Já as redes de filiação ou associação são redes em que as conexões são criadas por meio dos mecanismos de conexão oferecidos pelos sites de redes sociais (Recuero, 2009, p.98). Os seguidores e seguidos no *Instagram* ou *TikTok* são exemplos desse tipo de rede, já que não implicam em uma interação mútua constante.

O *TikTok* é uma rede social criada em 2016 na China — inicialmente chamada de Musical.ly — que permite a criação e compartilhamento de vídeos curtos sobre temáticas diversas, podendo ser acessado por meio do aplicativo em dispositivos móveis ou por meio do site no computador. De acordo com o relatório realizado pelo *DataReportal* (2025) sobre o uso de redes sociais no Brasil, o *TikTok* possuía 91,7 milhões de usuários com 18 anos ou mais no país no início de 2025, ficando em terceiro lugar no ranking mundial. No que tange o gênero dos usuários, 47% do público adulto de anúncios do *TikTok* no Brasil era feminino, enquanto 53% era masculino. Em relação aos criadores de conteúdo, cerca de metade tem entre 18 e 24 anos, enquanto os criadores de 13 a 17 anos representam 20,7% (*Metricool*, 2025).

O uso expressivo da plataforma no Brasil e no mundo reflete em publicações que representam um modo de pensar e agir no cenário contemporâneo, marcado pelo neoliberalismo e ideias pós-modernas. Ao realizar um recorte de gênero, algumas pesquisas apontam para uma padronização e sexualização de corpos femininos, contribuindo para a manutenção de visões hegemônicas que marginalizam o que é considerado diferente.

Ao analisar dez vídeos de mulheres mais influentes no *TikTok* internacional e do Brasil, Laura Seligman (2023, p.151) aponta que há um apelo sexual na busca por curtidas e seguidores “o que pode se transformar em capital social e capital monetário, já que as marcas investem nessas pessoas para expor seus produtos e serviços junto de corpos femininos”. Além disso, há um predomínio nesses vídeos de mulheres jovens, brancas e magras.

Essa padronização também atravessa os corpos de lésbicas no *TikTok*. A partir de análise de vídeos de mulheres lésbicas *futch*, Joana Ziller et al. (2021, p.943) expõem a presença de uma homonormatividade na plataforma de vídeos que reproduz “padrões de comportamento e corporalidades pré-estabelecidos pela normatividade, mesmo nos casos de sexualidades dissidentes”. Dessa forma, o que predomina é um mesmo perfil de mulheres, ainda que lésbicas, “jovens, brancas, magras, maquiadas, que mesclam as categorias princesa e caminhoneira, ou femme/butch, sem, na maioria das vezes, se contrapor mais fortemente às normas de gênero” (Ziller et al., 2021, p.922).

Em contrapartida, o *TikTok*, assim como outras redes sociais, pode contribuir para uma aproximação de assuntos, culturas e modos de existência antes desconhecidos. Daniella Chagas Mesquita (2023, p.218) expõe que a partir do contato com alguns vídeos de pessoas LGBTQIA+, algumas pessoas “perceberam que se identificavam com muitas das narrativas ali (com)partilhadas, e começaram a questionar seu gênero e/ou sexualidade (...)”. É também o que diz o relatório *What's Next* (2025, p.19) em relação ao público feminino, de modo que 72% das mulheres no *TikTok* encontram na plataforma uma forma de se conectar e criar vínculos com experiências de outras mulheres.

METODOLOGIA

Para obter os resultados e esclarecer essa problematização, foi realizada uma etnografia digital na rede social *TikTok* acompanhada de revisão bibliográfica sobre a temática das lesbianidades, identidade, relações sociais, redes sociais e solidão.

De acordo com Christine Hine (2020, p.18), a Internet não deve ser pensada como algo isolado da vida cotidiana, já que ela se incorpora constantemente em nossas relações domésticas e de trabalho, além de abranger diferentes usos e significados de acordo com os contextos e atores sociais. Além disso, “(...) as próprias plataformas ajudam a configurar determinados modos de circulação, também desenhando rastros digitais específicos.” (Grohmann, 2019, p.158)

O campo dessa pesquisa pode ser caracterizado como “metacampo”, ou seja, “campos digitais mais amplos e não delimitados, baseados em palavras-chave ou temas (...)” (Parreiras; Pavesi, 2024, p.6). Dessa forma, foi realizada análise de cinco vídeos do *TikTok*, escolhidos a partir de pesquisas realizadas dentro da plataforma por meio das palavras solidão, amizade, sozinha e pertencer, todas acompanhadas da palavra lésbica ou sapatão.

A pesquisa foi realizada em conta pessoal já existente, mas pouco utilizada, de modo que não havia um algoritmo tão definido. A partir da busca das palavras-chave e do histórico de interesse, o aplicativo por meio dos algoritmos passou a indicar vídeos com temáticas voltadas à lesbianidade. Optou-se primeiramente pela análise de cinco vídeos, para em um segundo momento verificar a necessidade de outros.

Os dados dos vídeos foram organizados em uma planilha no Google Planilhas com as seguintes categorias: aspectos técnicos (link do vídeo, data da análise inicial, prints, tamanho do vídeo e data que foi postado); biografia no *TikTok* da pessoa que produziu o vídeo; aspectos socioeconômicos (raça e idade - houveram algumas limitações para identificar a idade); aspectos imagéticos (espaço onde o vídeo foi gravado e objetos/ imagens que compõem o audiovisual); aspectos textuais (descrição da fala da autora do vídeo, legenda do vídeo, hashtags e letra de música); aspectos de alcance e engajamento (número de seguidores, quantidade de curtidas na conta, quantidade de curtidas no post, quantidade de comentários, número de visualizações, quantas pessoas salvaram o post e número de compartilhamentos) e por fim, a análise dos comentários.

A temporalidade dos vídeos foi definida entre os anos de 2022 e 2024. Ademais, tendo em vista que o algoritmo do *TikTok* privilegia vídeos de pessoas brancas, optou-se por analisar pelo menos três vídeos de pessoas pretas ou pardas, para também entender como a raça pode influenciar as redes de sociabilidade lésbicas.

Durante o processo de organização da planilha, ficou evidente que os comentários dos vídeos fornecem indícios sobre como se articulam as redes de sociabilidade lésbica no *TikTok*, por constituírem espaço de troca e diálogo entre as interlocutoras. Portanto, a análise dos vídeos partiu do mapeamento dos comentários e do diagnóstico de padrões temáticos. O primeiro vídeo escolhido tem duração de quase três minutos, entretanto, como a análise do conteúdo dos vídeos ficaria em segundo plano, preferiu-se a seleção de vídeos menores e com mais comentários. A partir desses temas, foram desenvolvidas as seguintes categorias de análise: amizade, vínculo amoroso, internet como espaço de pertencimento/acolhimento, invalidação da sexualidade, vínculo familiar, rivalidade entre lésbicas e

deslocamento/isolamento. Essas categorias serão exemplificadas a partir da análise dos vídeos a seguir.

É importante ressaltar que todos os comentários dos vídeos foram lidos, porém optou-se por categorizar apenas os comentários de lésbicas — quando possível a identificação — sobre suas vivências, já que alguns comentários de homens gays, mulheres bissexuais e pessoas trans e não-binárias também se faziam presentes. As categorias serão descritas a seguir a partir da síntese da análise de cada vídeo.

Nessa pesquisa, as lesbianidades são consideradas como plurais e diversas, já que a sexualidade é caracterizada por uma série de fatores como raça, classe e gênero, e outros mais específicos como idade e região em que se mora (Ziller et al. (2021, p.938). Dessa forma, vale destacar, que as palavras-chaves utilizadas conduziram o trajeto até vídeos predominantemente de mulheres lésbicas cisgêneras, assim como os comentários publicados, portanto esse será o foco da análise.

VAMOS FALAR SOBRE SOLIDÃO LÉSBICA?

O primeiro vídeo escolhido para análise é de uma mulher lésbica branca de aproximadamente 26 anos. A idade é aproximada, pois teve como base comentários de outros vídeos de anos posteriores nos quais ela expõe sua idade. Seu perfil no *TikTok* possui 61,9 mil seguidores, de modo que seus vídeos alcançam muitas pessoas, principalmente o público lésbico, já que a temática de suas produções gira em torno de vivências lésbicas.

O vídeo analisado tem 2 minutos e 55 segundos de duração, atingindo 103,1 mil visualizações, e foi postado no dia 22 de agosto de 2022 em sintonia com o Dia do Orgulho lésbico (18 de agosto) e o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica (29 de agosto). A narradora expõe sua perspectiva de solidão lésbica, que se inicia quando não há com quem se compartilhar abertamente sobre desejos, vontades e questionamentos sobre a própria sexualidade.

Para ela, há uma falta de representatividade positiva sobre ser lésbica, de modo que a identidade é criada tendo como base estereótipos muitas vezes pautados em dor e violência, o que pode assustar e ajudar a interiorizar a lesbofobia. Cria-se assim um personagem para ser o padrão desejado, moldando-se de acordo com o esperado socialmente. Essa trajetória pode ser muito solitária e por isso, é importante ter com quem conversar. Ela aponta a internet como um possível meio de aproximação de pessoas com experiências similares, o que foi importante para ela entender que nunca esteve sozinha.

O vídeo teve o total de 212 comentários, sendo a amizade e a invalidação da sexualidade as categorias que mais aparecem. Muitas mulheres apontam não ter amizades com outras lésbicas, apenas com mulheres héteros ou com outras pessoas que fazem parte da comunidade LGBTI+. Elas relatam que a vivência bissexual/pansexual é muito diferente das lésbicas e que só se sentem confortáveis para conversar sobre namoro e relacionamentos quando são voltados a mulheres. Há, dessa forma, um desconforto quando as amigas falam de garotos e algumas possuem medo de perder as amizades por não corresponderem a esse padrão. Assim, a falta de amizades que entendam suas experiências contribui para o sentimento de solidão. Há também comentários que apontam que a amizade com lésbicas foi muito positiva e auxiliou na aceitação da própria sexualidade.

No que tange a invalidação, uma das interlocutoras relatou que ao contar para suas amigas que estava gostando de uma menina, elas invalidaram sua sexualidade com questionamentos como “mas ela é uma menina, tu sabe que é uma menina né?”. Outras apontam dificuldade em aceitar a própria sexualidade: “até hj digo que sou bi pq não tenho coragem de me assumir lésbica” e “eu buscava uma relação socialmente aceita, ou seja, com um homem, (...) mesmo me sentindo mal me forçava a continuar numa relação onde eu não era feliz”. Outra interlocutora apontou se sentir menos feminina perto das amigas, o que a faz se sentir sozinha, já que gostar de garotos parece ser o único qualificador de feminilidade.

A necessidade de moldar-se socialmente, assim como a invalidação da sexualidade lésbica, pode ser explicado pelo conceito de heterossexualidade compulsória. Adrienne Rich (2012, p.19) a descreve como uma “instituição política que retira o poder das mulheres”. Essa instituição gira em torno principalmente da orientação sexual direcionada aos homens e do casamento, os quais são colocados como inevitáveis às mulheres. Dessa forma, a heterossexualidade compulsória além de permitir a naturalização da violência contra a mulher em todas as suas formas, contribui para o apagamento da existência lésbica. O incentivo da “heterossexualidade para as mulheres como um meio de assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional a elas” (Rich, 2012, p.34) invisibiliza a possibilidade lésbica, que vem sendo apagada da história e colocada como patologia.

Além disso, as represálias sociais e a criação de estereótipos negativos decorrem dessa “rejeição de um modo compulsório de vida” (Rich, 2012, p.36). A falta de representação de experiências lésbicas positivas também é reflexo de um apagamento histórico, impedindo a construção e perpetuação de uma memória lésbica (Rich, 2012, p.36).

No que diz respeito à categoria internet como espaço de pertencimento/acolhimento, alguns comentários reforçam que o seu uso pode propiciar uma vinculação e trazer acolhimento: “Na minha adolescência que não tinha internet era impossível ter alguém pra conversar disso.” e “Criei um grupinho pra nós, deveríamos falar mais sobre e nos rodear de pessoas como a gente!”. O grupo mencionado pela interlocutora se chama Solidão Lésbica no Telegram e possui 15 membros. Ao entrar no grupo, entretanto, nota-se pouca interação entre as participantes, sendo a última mensagem enviada em dezembro de 2024.

RIVALIDADE PRA QUÊ?

O segundo vídeo escolhido é de uma mulher lésbica, preta, desfeminizada — que não performa feminilidade — de aproximadamente 18 a 25 anos. A idade é incerta e foi presumida a partir das conversas e das participantes do grupo criado por ela no WhatsApp. Seu perfil no TikTok tem 1.406 seguidores e o vídeo teve 42,1 mil visualizações. A duração é menor, tendo apenas 8 segundos e foi postado no dia 9 de março de 2024.

No vídeo a interlocutora dubla o áudio de outro vídeo que virou meme no *TikTok* com o seguinte trecho: “Mona, você é maluca? Com todo respeito. Não, se você ver o vídeo é com todo respeito mesmo. Mona, você tem algum problema?”. No vídeo ela aparece movimentando o corpo e as mãos em tom de indignação para acompanhar o tom do áudio. O *lettering* do vídeo traz a frase: “rivalidade pra que? se eu só queria um grupinho de desfem pra ser amg”. Dessa forma, ela busca passar a ideia de que lésbicas desfeminizadas são rivais, o que é uma ideia “maluca” já que o seu maior desejo é ter um grupo de amigas lésbicas desfem.

Durante a análise dos comentários, as categorias que mais apareceram foram amizade, rivalidade entre lésbicas e vínculo amoroso. É importante ressaltar que a maior parte dos comentários também foram realizados por mulheres lésbicas, pretas e desfeminizadas. A amizade aparece principalmente no desejo de existir um grupo de lésbicas desfem. Várias interlocutoras apontam não conhecer outras lésbicas desfeminizadas e gostariam muito de ter amigas que fossem. Além disso, nota-se um cruzamento entre as categorias amizade e vínculo amoroso, já que muitas meninas apontam o interesse na amizade, mas também na possibilidade de relacionar-se sexualmente/amorosamente: “um grupinho de desfem bests pra dar uns bj as vezes pra dar aquela fortalecida”, “eu, mas seria um pouco perigoso pq eu iria querer pegar todas” e “grupinho eu não sei, mas uma namorada desfem eu queria”.

O tema da rivalidade entre lésbicas aparece em vários comentários apontando que são odiadas por outras desfem: “as desfem querem brigar comigo, não sei pq”, “ninguém entende essa marcação de território amiga kkkkkkk”, “já me olha odiando, preciso nem fazer nada”, “meu sonho, ms as q mora perto de mim, tudo me odeia KKKK so tenho amizade com umas 2 desfem e olhe la”, “elas me olham com cara de ódio”, “queria amigas caminhoneiras ao inves de me olharem com cara de ódio” e “desse jeito mn pprrt nem tento mais fazer amizade com desfem por isso”.

Algumas interlocutoras apontam que a rivalidade está relacionada a uma possível “disputa” por mulher: “até dupla é complicado, tá aí raça que é traira, tem fetiche de pegar mulher dos outros”, “única desfem q conheço me odeia por causa de mulher”. Nesse sentido, é importante investigar o que pode explicar essa rivalidade e se de alguma forma se relaciona com os papéis heteronormativos vinculados à feminilidade e masculinidade. Audre Lorde (2020, p.62) descreve que as experiências de lésbicas são muito distintas quando se fala de mulheres brancas e negras. A rivalidade feminina aparece entre mulheres negras como um incentivo a desconfiar umas das outras como se fossem rivais ou o reflexo nítido de sua auto rejeição.

Há em alguns dos comentários um desejo de se aproximar de lésbicas desfeminizadas que também sejam negras. Dessa maneira, a etnia aparece como marcador de importância entre essas mulheres na construção de relações de pertencimento. Hall (2005, p.86) expõe que esse movimento surge em um contexto de pós-modernidade em que novas identidades são formadas. Nesse sentido, as relações sociais entre grupos produzem identidades que são formadas a partir daquilo que os difere dos demais: “(...) não é que elas sejam cultural, étnica, linguística ou mesmo fisicamente, a mesma coisa, mas que elas são vistas e tratadas como ‘a mesma coisa’ (isto é, não brancas, como o ‘outro’) pela cultura dominante” (Hall, 2005, p.86)

Portanto, as relações sociais também estão atravessadas pelo poder, o qual é colocado em discurso por meio de práticas econômicas, políticas e culturais (Brah, 2006, p.373). Nesse sentido, as trajetórias históricas, assim como a materialidade, permitem a construção de identidade coletivas, as quais são mobilizadas “quando legados da escravidão, do colonialismo ou do imperialismo são invocados” (Brah, 2006, p.363).

Como mencionado, a autora do vídeo a partir da demanda nos comentários, criou um grupo no WhatsApp apenas para mulheres lésbicas desfem ou “meio termo”. O grupo tem como nome “desfem *loves* desfem” e possui 35 membros, sendo que desde a minha entrada em 11 de março de 2025 - um ano após a criação - 11 pessoas saíram. A idade das participan-

tes varia entre 14 e 25 anos. A maior parte é mulher lésbica, desfem, preta/parda e mora em São Paulo, o que permitiu o encontro pessoalmente entre algumas delas.

A minha interação com o grupo foi breve, logo que entrei, apresentei-me e conversei com algumas meninas. Após o dia 11 de março, não interagi mais no grupo, o que levou à minha remoção em 22 de agosto de 2025. Além disso, o número de mensagens diárias era expressivo, o que dificultou o acompanhamento da conversa.

FESTA DE FAMÍLIA, RODEADA DE CASAIS HÉTEROS

O terceiro vídeo escolhido é de uma mulher lésbica preta de 20 anos. A idade foi verificada a partir de sua biografia na plataforma. A sua conta na plataforma possui 7.536 seguidores e o vídeo atingiu 182,9 mil visualizações. A duração do vídeo é de 11 segundos e foi postado no dia 27 de janeiro de 2024.

No vídeo a interlocutora grava um encontro de família, focando primeiro em seus familiares e depois em seu próprio rosto que possui uma feição de desconforto. O *lettering* traz a seguinte frase: “pov: vc eh lésbica e ta numa festa de família rodeada de casais héteros e só consegue pensar na solidão e em como você nunca vai fazer parte desses casais, pois sua família n aceita”. A música de fundo é um trecho modificado da canção “Tenta Acreditar” de Anavitória que diz: “Você vai fingir que os astros têm razão. Talvez nosso crime seja a solidão. Talvez nossa sorte”. A música é utilizada em vários vídeos e trends de lésbicas falando sobre suas experiências.

Nesse contexto, a solidão se apresenta por meio das relações familiares, sendo essa a categoria que mais aparece nos comentários, seguida do deslocamento/isolamento invalidação, todas se articulam já que o isolamento se dá muitas vezes pelo deslocamento dentro da família que invalida a sexualidade lésbica.

Entre os comentários analisados, o que mais se destaca é a não aceitação da orientação sexual pela família, por conta disso, muitas se distanciam para criar um novo modelo de família que faça sentido: “(...) só de pensar no que minha vó já disse não ia expor o meu amorzinho a isso não e infelizmente a família dela não é muito melhor, mas temos a nossa família de escolha eles são perfeitos”, “vdd...é difícil dms ficar dividido e a família n aceitar e fica uma confusão na sua cabeça”, “bom quando sua família não aceita como a minha meu lema é trabalhe e estude, seja você o caminho e desapegue de sua família (...)”.

Muitas meninas também comentam que deixaram de participar das reuniões de família: “um dos motivos de ter parado de ir nas reuniões de família... é tudo tão solitário, me sinto tão excluída”, “Eu não gosto mais de participar de eventos familiares por conta disso, tenho crises de ansiedade toda vez que estou no meio da minha família e minha cabeça começa a pensar isso”, “Exatamente por esse motivo que eu não faço questão deles”, ou se participam, acabam isoladas: “nunca curto o momento pq sempre tô assim”, “eu curto por um tempo mas depois que começo a pensar demais fico toda xoxa” e “sempre fico no cantinho sentada conversando com ela pelo celular”.

Há diversos relatos de meninas que se sentem deslocadas dentro da família, como se não pertencessem àquele espaço. Algumas informam que esse sentimento de estranhamento fica muito nítido quando o assunto é relacionamento amoroso ou quando integrantes da família como primas levam seus namorados para a reunião da família. Esse movimento as faz lembrar que estão fora desse padrão heterossexual, o que gera comparações e medo de não serem aceitas.

Nesse sentido, a heterossexualidade compulsória como norma social contribui para que pessoas que não se enquadram a ela fechem-se em “armários”, escondendo da sociedade suas diferenças como forma de proteção de violências. Eve Kosofsky Sedgwick (2016), por meio da metáfora do armário, desenvolve os sentidos que ele carrega para pessoas homossexuais, sendo assumidas ou não. O armário, dessa maneira oprime “sistematicamente as pessoas, identidades e atos gays ao solapar, por meio de limitações contraditórias ao discurso, as bases de sua própria existência”, fazendo-se presente em espaços econômicos, institucionais ou mesmo privados até para aquelas pessoas que já assumiram a própria sexualidade (Sedgwick, 2016, p.26).

O deslocamento e isolamento da família e a impossibilidade de ser autêntica sobre desejos e vontades contribui para o sentimento de solidão e de que não pertencem a nenhum espaço. Muitas interlocutoras descrevem sentirem-se totalmente sozinhas e mencionam que a solidão lésbica é real: “O pior é eu não me sentir pertencente a lugar nenhum pq infelizmente eu ainda moro no interior e aqui só tem hétero branco padrão...”, “aquela história da solidão lésbica era vdd...”, “eu perdi as esperanças de sair dessa solidão, minha família me odiaria” e “a solidão lésbica é algo muito real, não importa por quantas pessoas estamos rodeadas”.

Facioli e Padilha (2018, p.391) discorrem sobre como a sexualidade é colocada como segredo quando o contexto não proporciona condições de reconhecimento, especialmente na esfera familiar ao não oferecer acolhimento. Nesse sentido, falas preconceituosas de alguns

familiares acabam confirmando o medo de as interlocutoras não serem aceitas. Muitos comentários descrevem situações de invalidação de sua sexualidade e de lesbofobia: “mano isso dói tanto, quando meu tio descobriu que eu gosto de mulher ele mandou eu escolher entre a minha família ou ficar sem ela”, “pra assumir alguém ou me assumir eu tenho que sair de casa pq minha mãe é mto religiosa” e “minha família até aceita ela aqui em casa, no entanto, sem demonstrações de carinho (...)”.

SENTIR-SE SOZINHA MESMO RODEADA DE PESSOAS

O quarto vídeo escolhido é de uma mulher lésbica branca de 19 anos. A idade foi verificada a partir de sua biografia na plataforma. Seu perfil possui 40.4 mil seguidores e a duração do vídeo é de 19 segundos, sendo postado no dia 4 de agosto de 2023 e atingindo 185,5 mil visualizações.

No vídeo a interlocutora grava seu próprio rosto dublando a música que toca no fundo — o mesmo trecho modificado do vídeo 03 da canção “Tenta Acreditar” de Anavitória. No *lettering* do vídeo há escrito: “feliz mês da visibilidade pra quem entende o que é se sentir sozinha mesmo rodeada de pessoas” e em seguida a letra da música. A autora do vídeo faz uma crítica e um desabafo sobre o mês da visibilidade lésbica, já que se sente sozinha mesmo com várias pessoas ao seu redor. Na legenda do vídeo, ela escreve: “ninguém escapa da solidão lésbica”. Na análise dos comentários, o que mais aparece são as categorias amizade, invalidação e deslocamento/isolamento.

Na questão da amizade, a grande maioria das interlocutoras aponta não ter amigas lésbicas, de modo que não se sentem confortáveis para conversar sobre assuntos que envolvem suas experiências e dúvidas sobre sexualidade: “eu tenho TANTAS amigas sáficas mas NENHUMA lesbica, e eu sinto que ngm de fato me entende”, “eu só queria uma amiga lésbica pra não me sentir tão sozinha” e “eu realmente estou sozinha, mas de qualquer forma ser lésbica me afasta ainda mais das pessoas”.

Há, dessa forma, um sentimento de solidão formado a partir da falta de identificação com o círculo de amizades ou com a falta de um, principalmente com amigas lésbicas: “porque a lesbianidade é TÃO solitário meu deus” e “pq ngm fala sobre a solidão lésbica?”. Além disso, são feitas críticas a produções audiovisuais por não representarem as experiências de mulheres lésbicas: “n temos o mínimo de representatividade, todos os casais de serie/filme

q nos representa são tóxicos, fetichizados ou com final ruim (...)” e “e nas séries nunca ouvimos a palavra ‘lésbica’, é sempre ‘gay’ ou ‘queer’”.

Muitas lésbicas comentam também sobre a invalidação da própria sexualidade por amigos e por si próprias ao se forçar a acreditar que são hétero, não conseguir aceitar que é lésbica, achar que seria mais fácil se gostasse de meninos, ter nojo da própria sexualidade e também ao evitar toque e afeto com amigas: “eu sou lésbica, mas eu não consigo me aceitar mto sb [sabe], sla, eu penso ‘nossa que grto [garoto] lindo, pq eu não consigo gst [gostar] dele?’ e “eu sinto nojo de mim mesma quando tenho que falar minha sexualidade em voz alta, da vontade de vomitar”.

TERMINAR UM NAMORO E PERDER TAMBÉM A MELHOR AMIGA

O quinto e último vídeo escolhido é de uma mulher lésbica parda. A idade não foi identificada, mas considerando o perfil e conteúdo postado, presume-se que esteja na faixa de 18-25 anos. Sua conta possui 893 seguidores e o vídeo teve 120,9 mil visualizações. No vídeo, a interlocutora grava seu próprio rosto que apresenta uma feição desanimada e triste enquanto um trecho da música “Recomeçar” de Tim Bernardas toca no fundo: “Eu vou deixar ela ir embora. Chegou a hora, chegou a hora.” No *lettering* do vídeo há escrito: “a solidão da mulher lésbica que ao terminar um namoro não perdeu só a namorada, mas também a melhor amiga”. A autora do vídeo demonstra, assim, que seu namoro ocupava uma grande parte de suas relações — namoro e amizade.

Nos comentários, nota-se uma articulação forte entre relacionamento amoroso e amizade. A amiga lésbica era também a namorada, quando o vínculo se rompe o que sobra é solidão, não há investidura em outras relações, ou por mais que tenha, a intimidade não é a mesma. Nesse sentido, entra a possibilidade de manter amizade com a ex-namorada para evitar a solidão, mesmo que não a tenha superado, e que seja difícil: “choro muito mais por saber que perdi uma melhor amiga”, “por isso eu falo com ela até hoje”, “e agora não tem mais ninguém pra conversar, dar rolê e ficar de bobeira” e “aí depois não entendem ‘como consegue ser amg de ex’ *it’s a lesbian thing* [é uma coisa de lésbicas]”.

Entre os comentários, há também uma ideia de que a relação nunca vai acabar e um medo muito grande de que isso aconteça, por talvez centralizar a namorada e não desenvolver outras relações. Questiona-se também por que as relações lésbicas são difíceis de superar e há comentários sobre a importância de ter a própria individualidade: “é por isso que é tão impor-

tante em relações sáficas tentar não centralizar a namorada em tudo” e “pq relações lésbicas são tão mais difíceis de superar?”.

Nesse contexto, algumas interlocutoras apontam sentirem-se muito sozinhas após o término de seus relacionamentos: “ninguém explica a angústia que é se sentir sozinho”, “isso é tão real, me sinto sozinha” e “não tenho ninguém além dela”. Com o intuito de fazer novas amizades, uma das interlocutoras criou um grupo no WhatsApp, mas o link foi redefinido, impossibilitando a entrada.

CONCLUSÃO

A partir da análise dos vídeos e da revisão de literatura, fica nítida a influência que as redes sociais possuem na criação de pertencimento entre lésbicas. Muitas dessas mulheres só conseguem compartilhar sobre suas vivências em espaços virtuais por não conhecerem outras lésbicas fora da Internet e por entenderem que esse é um espaço seguro.

Nota-se que há uma solidão comum a essas jovens, que tem efeito direto na formação de suas identidades e que está associada à falta de amizade com outras lésbicas, invalidação de sua sexualidade por amigos, família ou até mesmo por si próprias, sentimento de deslocamento em espaços predominantemente héteros e o afastamento da família de origem por razões de lesbofobia. Além disso, especialmente mulheres lésbicas desfem sofrem com a rivalidade entre suas similares, principalmente no sentido de ser uma “ameaça” para seus interesses amorosos, numa espécie de disputa.

Além disso, percebe-se o uso do TikTok como espaço de desabafo, podendo ser uma forma de extrapolar esse “armário” que, por meio de discursos, continua tentando manter as sexualidades dissidentes escondidas (Sedgwick, 2016, p.26). Observa-se que as relações não precisam necessariamente de vínculos profundos para a criação de pertencimento. Portanto, é também interessante investigar o papel dos laços fracos e das relações efêmeras na formação das identidades lésbicas.

Finalmente, é interessante explorar de que forma os ambientes físicos e digitais se influenciam (Facioli e Padilha, p.398), já que grande parte dos sujeitos da pesquisa recorrem ao *TikTok* por não encontrar fora da plataforma identificação, pertencimento e a presença de outras lésbicas que ocupem o mesmo espaço em que estão inseridas. Considerando também a importância de laços presenciais para a formação das identidades, essa pesquisa indica a necessidade de explorar também os espaços offline ocupados ou não por lésbicas e seus deslo-

camentos para, talvez, assim, entender onde estão as lésbicas e o que torna tão difícil esse encontro fora das redes sociais.

REFERÊNCIAS

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

FACIOLI, L.; PADILHA, F. O Desejo da Metrópole: gênero, sexualidade e mídias digitais em espaços urbanos brasileiros. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 9, p. 377–399, 2018.

GROHMANN, Rafael. Os rastros digitais na circulação de sentidos: pela desnaturalização e contextualização de dados na pesquisa em comunicação. **Galaxia** (São Paulo, online), n. 42, p. 150-163, set.-dez. 2019.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; PAUGAM, Serge; PRATES, Ian. Laços à brasileira: desigualdades e vínculos sociais. **Tempo Social**, v. 32, n. 3, p. 265-301, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo** (São Paulo, online), v. 29, n. 2, p. 1-42, 2020. Tradução de Carolina Parreiras e Beatriz Accioly Lins. Revisão técnica de Juliana Valente.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MESQUITA, Daniella Chagas. “Seja bem-vinda ao lado LGBTQIA+ do TikTok”: gêneros e sexualidades em mediações algorítmicas. **Simbiótica**. Revista Eletrônica, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 207–226, 2023.

METRICOOOL. **TikTok Statistics**. [S. l.], [2025?]. Disponível em: <https://metricool.com/tiktok-statistics/>. Acesso em: 22 mar. 2025.

PAIS, José Machado. **Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas**. 3. ed. Berlin: GD Publishing Ltd. & Co. KG / Edições Machado, 2016. E-book.

PARREIRAS, Carolina; PAVESI, Patrícia. Antropologia digital e imaginários etnográficos: Experimentações, dilemas e possibilidades. **Novos Debates**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2024.

PARREIRAS, Carolina. Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. **Portal Unicamp**, Campinas, SP, 17 dez. 2008.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Ciberultura).

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012.

SEDGWICK, Eve K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 28, p. 19–54, 2016.

SELIGMAN, Laura. Mulher, corpo, identidade e representações das campeãs do TikTok. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, [s. l.], v. 17, n. 02, p. 134–154, 2023.

TAGLIAMENTO, Grazielle et al. **Relatório Descritivo da 1ª Etapa do Lesbocenso Nacional**. Liga Brasileira de Lésbicas (LBL) e Associação Lésbica Feminista de Brasília – Coturno de Vênus. Brasil, 2022.

TIKTOK FOR BUSINESS. **What's Next 2025**: relatório de tendências. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://ads.tiktok.com/business/en/trends-whats-next>. Acesso em: 22 mar. 2025.

ZILLER, Joana; BARRETOS, Dayane C.; HOKÍ, Leíne; XAVIER, Kellen C. É a mesma menina? Homonormatividade nos vídeos de lésbicas futch no TikTok. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 9, n. 26, p. 921-968, 2022.